

O Gaiato

Quinzenário * 20 de Julho de 1985 * Ano XLII — N.º 1079 — Preço 10\$00

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

16 DE JULHO

■ O postal do Júlio Mendes chegou como seta ao meu retiro do monte de Nossa Senhora de Balsamão:

«Não se descuide com a nota sobre o 16 de Julho! Mandema esta semana, se faz favor. O ar, o sol, a luz, os panoramas, as gentes, tudo o que por aí há — elvados da Graça de Deus — pois dão «matéria» para alinhar uma boa nota! Com Pai Américo era assim mesmo... O trivial e a beleza «respechos» de Deus!»

Sim, Pai Américo ficava criança feliz diante das montanhas, dos rios e do mar! E soube transmitir-nos toda a beleza, impregnada, sempre, da presença do Senhor.

O aniversário da sua morte

é a festa da Obra da Rua. E nós: Outro ano, foram as montanhas do Gerês; este, a beira-mar até Viana do Castelo. Ele connosco a falar às ondas e aos montes! Sentimos, viva, a sua presença.

Como soube encher as mãos de coisas simples e pedir a bênção! O Senhor abençoou e hoje nos encantam, seduzem e são caminho para o Pai.

Os testemunhos dos nossos Amigos e Leitores não são, simplesmente, hinos às belezas; mas autênticos sinais de conversão.

Convertidos ao Senhor e aos Outros!

Esta a maior maravilha! Sinal certo de santidade de Pai Américo.

Sabemos que ficarias muito zangado com esta linguagem... Fica e ouve em silêncio. Deixa o rio correr para o mar; as montanhas vestirem-se de verdura; e o processo da tua beatificação correr, florir e ficar fruto maduro.

Já não és tu «Padre Américo» nem nós — teus padres e Obra da Rua. A força rompeu os diques! A corrente vai e transcende-nos!

■ Tão oportuno e necessário para todos nós, neste aniversário, repensarmos a grande fé de Pai Américo!

Como Abraão, acreditou.

Desta fé a certeza da resposta a: **«Quem somos, para onde vamos e o que queremos?»**

«Somos a reconquista dum mundo descristianizado. Revelação do Poder do Evangelho. Vamos, com passo muito firme, pelo caminho da confiança. Queremos que o mundo nos dê a mão e que não tenha medo dos que foram ontem pequenos vadios da rua.»

Em cada passo, palavra e gesto, o «eu creio».

O Senhor cumpriu as promessas.

Vinte e nove anos depois da sua morte sabemos que assim foi.

«Eu creio.»

Se não pelo Dom, digamos pelo desejo sincero e grande



de crer. Punhamos aqui o fundamento antes de edificar.

■ **«Senhor do Céu, que eu caminhe sempre por vias ásperas e de alma alanceada pela sorte dos meus Irmãos.»**

Alanceado, torturado e queimado pelos Irmãos! Imagem que devemos ter bem presente no seu aniversário. E não só. Mais, na nossa vida quotidiana. Aqui, sim, precisamos de recordar a imagem e seguir-lhe os passos.

Ele, amargurado nas ruas do Barredo; ele, preocupado e

feliz junto dos Rapazes; ele, optimista na entrega das casas do Património dos Pobres; ele, transfigurado no seu «filme vivo» — O GAIATO.

É bom terminar aqui este apontamento de aniversário. Mesmo no seu púlpito e tribuna — o seu grande amor!

Deixa só, Pai Américo, que dos nossos carreiros acesos por espinhos e também tantas alegrias, te mandemos, com toda a ternura, um beijinho de parabéns.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

Uma grande novidade: Temos tudo a postos para arrancar com a construção duma nova escola-oficina de Artes Gráficas. Vamos ter mais uma escola em nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Fazer de cada rapaz um homem continua a ser a nossa grande tarefa — a grande tarefa das Casas do Gaiato. A situação actual da nossa juventude aflige-nos profundamente. O desemprego e a crise de emprego aumentam. As máquinas de jogo e outros meios de corrupção instalam-se por todos os cantos. A droga, a prostituição, o sexo, o gozo da vida, estão a dominar cada vez mais.

— **Andamos a estudar para quê? Qual vai ser o nosso futuro!?**

Estas são grandes interrogações dos nossos jovens.

— **Vou pedir à sr. Padre que me deixe ir para uma das nossas oficinas.**

Estas interrogações e estas apreensões empurram-nos no princípio de umas férias grandes. Depois de um ano de trabalho — para os que merecemos descanso — vamos ter uma nova e exigente tarefa: construir um grande pavilhão e instalar máquinas para começar novo ano.

Os passos que já demos foram bem compensadores. P.e

Valentim, da Gráfica de Coimbra, veio logo de braços e coração abertos e confirmou que a Gráfica continua com as portas abertas para os gaiatos. O Eng.º Tó Simões e o desenhador Joãozito Simões, nossos vizinhos, acorreram à chamada e riscaram no papel o essencial e comprometeram-se a fazer a obra sua. Vi-os felizes como no dia em que lhes assisti ao casamento. Fui ao encontro do construtor Gabriel que logo se prontificou a vir com uma equipa do seu pessoal. Atendeu o telefone e veio imediatamente ver o trabalho que a máquina-pá irá fazer. O vizinho Fausto veio dizer que tem estes dias livres para transportar materiais com a sua camioneta. Empresas de materiais contactadas disseram que sim senhor e melhores condições por ser para a Casa do Gaiato. Chegámos ao fim muito felizes e agradecemos a Deus todos os momentos bons deste dia.

Vamos arrancar! Falta-nos um homem capaz e com coração para mestre dos rapazes. Vamos todos procurá-lo. O primeiro que o encontrar diga-nos alguma coisa. Vamos todos ajudar a construir. Construir escola e homens.

Padre Horácio

Vistas de dentro

■ É Festa de anos. Pai Américo nasceu para o Céu há 29 anos. Quero mandar-lhe um telegrama a felicitá-lo. Em primeiro lugar, recordo o nosso encontro em 1955, na salinha da casa-mãe, hoje chamada refeitório das senhoras. Foi à hora do almoço. Naquele dia a refeição foi um pouco mais demorada. Ficou tudo combinado. Agradeço aquela hora e recordo-a nesta data. O sonho se tornou realidade: ser Padre da Rua. Pai Américo vela por nós! Ajuda-nos a ser fiéis!

■ Hoje, logo de manhã cedo, começou a Festa no largo

da casa-mãe. Um atrelado com 30 toneladas de batata chegou, já altas horas da noite, para ser descarregado ao romper do dia. Assim foi. Os da tipografia, os do campo, os das obras tiraram-nas para o armazém em pouco mais de 45 minutos. Foram oferecidas e vão fazer a alegria de todos na tigela da sopa e no prato do conduto. Não vos digo quem trabalhou mais porque nenhum trabalhou menos. Obrigado.

■ Ontem, já noite dentro, regresssei de uma visita à Colónia de praia em Azurara,

onde se encontram, desde o dia 26 de Junho, 40 dos nossos pequenos. Estão bem. Vi-os contentes. Tomam banho todos os dias e as suas caras estão cada vez mais lindas.

■ Houve tribunal muito sério, há poucos dias. A tentação do alheio é muito grande. Alguns pequenos vêm muito marcados pela vida que levavam na rua. Por vezes estão aqui as nossas maiores dores de cabeça. Mais uma tentativa. Mais um acto de Fé!

Padre Manuel António

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

Acabado que está o ano lectivo 84/85 — para uns mais cedo, para outros mais tarde — é tempo de vos dar notícias dos resultados obtidos no final do ano.

Dos vinte e oito estudantes que ocuparam o nosso Lar, este ano, quatro não conseguiram continuar no caminho ascendente; e dos outros vinte e quatro alguns passaram por mérito próprio.

No próximo ano lectivo nem todos continuarão os estudos; não por imposição, mas por escolha voluntária doutro rumo na vida profissional.

Hoje em dia, está muito difícil saber-se o que é mais certo e o que é mais errado. Muitos de nós estamos conscientes que a escolaridade não dá resposta satisfatória às carências de um País como o nosso, em que uma grande percentagem de desemprego está nas camadas jovens e, nestes, incluídos alguns «canudos». Banir as Escolas e Universidades? Não. Mas anexar-lhes outras formas de aprendizagem que dêem oportunidade aos jovens de se formarem noutros ramos que não só a Medicina, Engenharia, Direito... Que seria um País só com isso!? Nem contudo banir a escolaridade seria solução. De tudo é preciso. Proporcionar a todos uma aprendizagem mínima necessária é obrigação de um País com elevada percentagem de analfabetismo em relação ao resto da Europa, e agora às portas da C. E. E.

Com a construção da nova tipografia, a juntar às outras oficinas de carpintaria e serralharia — que já tínhamos na nossa Casa do Gaiato em Miranda do Corvo — estamos a dar a possibilidade àqueles que não acreditam no «canudo» como solução, de se formarem noutra especialidade que não temos aqui: as Artes Gráficas. Alguns dos estudantes já optaram por essa via e irão começar a sua aprendizagem na Gráfica de Coimbra. Que venham a ser verdadeiros mestres na arte, é o desejo de nós todos; assim como desejamos que os «grandes» da cultura se lembrem destas pequenas-grandes coisas, necessárias num País em vias de desenvolvimento — como é o nosso.

Chiquito-Zé

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Aquela *Madalena* d'algueres, que espera, há anos, a *pensão social* — formalizada como manda a lei — só agora a vê entrar na recta final: o deferimento!!

Dactilografámos outro cartãozinho em 22/4/85 e chega resposta em 11/6/85 para se apresentar — como apresentou — à Junta Médica do regulamento.

— Os médicos examinaram as minhas doenças... Disseram que não posso trabalhar, que preciso da *pensão*...

Os olhos dela riam! Não fez comi-

cio. Os Pobres não fazem *comícios*, que a sua voz é abafada pelo ruído dos ruidosos... E, para desgraça nossa, também sofrem com a *empatocracia!*

PARTILHA — Cheque do assinante 16696, de Venda do Alcaide (Pinhal Novo). Duas presenças da assinante 31104, cuja alma — diz — «continua uma chaga». Mas Deus acode. Não importa quando...!

Assinante 10426, de Braga, um cheque dividido por vários sectores. Assinante 16415, de Barcelos, mais outro com o «desejo de ajudar quem menos tem do que eu, e deste modo agradecer ao Pai Américo a coragem que às vezes me falta». Mais outro de Viseu, assinante 24179, para o «buraco que precisar de ser tapado com maior urgência» — e os olhos da alma virados para «o muito auxílio que preciso dentro da minha família que se descrestianizou».

Agora, o assinante 19148 com um cheque «para tapar mais um daqueles buracos que a Conferência depara todos os dias. O Senhor seja louvado!» É Ele que nos arrasta. Louvemos o Senhor nosso Deus!

Assinante 12594, de S. Domingos (Sardoal), 100\$00 «para o Pobre mais pobre». A remessa habitual do assinante 11902, do Fundão, «com abraços amigos» — que retribuimos. Assinante 35068, de Vermoim (Maia), 3.000\$00. Assinante 4023, do Porto, 600\$00 e «não é preciso acusar recepção, pois não acredito que alguém possa desviar o que é quase como sagrado».

Um vicentino da capital do Norte — assinante 5045 — manda «uma pequena ajuda pontual para o que aparece já. *Intenção: o regresso à piedade cristã da nova geração — filhos e sobrinhos*». A partilha mensal de «Uma assinante de Paço de Arcos» — presença de longa data! «pois é bom sentirmos a *comunhão com todos*». Assinante 675, de Lisboa: «Este trimestre venho um pouquinho atrasada, mas em compensação posso enviar um pouco mais». Assinante 7649, de Monção, um cheque para acudirmos a um caso referido nesta coluna. Assinante 9790, de Oliveira do Douro:

«Uma pequenina gota para a Conferência...»

Aproveito para pedir uma oração ao Céu para que todos acreditemos que o Senhor é Amor, só quer o nosso bem — é o Remédio para todos os males. Então, há que seguir-lo, aceitando o Seu jugo, que é suave. E, nesta base, uma certeza ficará sempre de pé: seremos felizes.»

Almas em cachão!
Assinante 5687, de Cascais, 200\$00 — «mas as possibilidades são muito reduzidas». Para os Pobres, aqueles 200\$00 são uma fortuna — porque repletos do Amor de Deus.

«*Maria de Portugal*» com a «*amigalha no princípio do mês para o começar com a bênção dos Pobres*». Um valioso cheque da assinante 22150. Sacerdote amigo, dos lados de Cinfães, vem acudir às aflições dos Pobres. Assim faz, também, o assinante 23618, confrangido por «*sabermos que há pessoas em tão triste situação*» — sem esperança de melhores dias. Por fim, a Maria Manuela, da Rua Álvaro Castelões, Porto, apesar de ocupada em seus estudos, não

deixa de lembrar os que mais precisam.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

IMPANHA DO CORVO

VISITAS — Ultimamente a nossa Casa tem sido alvo de muita gente que vem tomar conhecimento, mais de perto, do que é a nossa vida.

Salientamos um grande grupo de pessoas de Tomar que passaram o dia connosco.

Todos os que vierem serão bem-vindos, pois *somos a Porta Aberta*.

LAVOURA — Não há mãos a medir com a agricultura! As sementeiras estão numa fase de crescimento e há que as tratar.

Já fizemos a apanha da batata no olival. Uma grande quantidade! A restante esperamos que também seja muita e boa.

Foi uma semana muito ocupada com o tratamento do milho. Sachámo-lo todo (é uma enorme extensão!) e depois de adubado regámo-lo.

As abóboras, feijão, tomates, cebola, etc. também estão a ser tratados para darem bom fruto.

OFICINAS — Vamos ter uma nova oficina, além da serralharia e carpintaria: a oficina-escola de Artes Gráficas para a formação dos nossos rapazes que estejam interessados no ramo.

A nossa era a única Casa que não possuía este complexo. Já se fez uma sondagem geral aos rapazes e a tudo o que será preciso para a iniciação da obra. Já anda uma máquina a preparar o terreno, onde teremos de cortar milho e algumas oliveiras e macieiras — o que nos custou um pouco a todos, pois estavam carregadas de fruto.

Alguns rapazes vão já começar a aprender o ofício na Gráfica de Coimbra — onde nos aceitam com muita alegria — e farão o possível

para aprenderem bem e depressa, pois estamos a pensar em pôr as oficinas a trabalhar brevemente. Esperamos que este projecto dê os seus frutos e os rapazes saibam aproveitá-lo para a sua vida futura.

João Paulo

Praia de Mira

No dia de S. João a senhora do Lar e um grupo dos nossos estudantes abriram a Casa na Praia de Mira. Limparam e arrumaram tudo muito bem e no dia seguinte foram mais estudantes e os mais pequeninos que ainda não são da Escola.

O mar tem estado muito mansinho e todos se têm regalado com os ba-

ninhos na areia. O Zé, o mais novo e muito engraçado, só quer nadar e ser como os maiores. Gosta de já ser grande.

Uma dificuldade que temos tido: os pescadores pescam pouco e têm muita pena de não nos poderem dar muito peixe, como nos outros anos. Mas nós esperamos que eles comecem a ter mais sorte e a pescar mais e depois também será bom para nós.

Desejamos que todos os nossos leitores tenham boas férias e possam tê-las à beira-mar, como nós. Pois temos muita sorte em ter uma casa na Praia! Os mais pequeninos é que estão mais tempo. Que todos tenham boas férias!

Um cronista do grupo

AVENTURA

Eu compreendo a sedução que a aventura desperta no Homem e o atrai a experimentá-la. É que aventura é sintoma de vida. Quanto mais pujante esta, mais veemente o desejo daquela.

Aventura — *ad..ventura*; isto é: para «aquilo que há-de vir», nós temos de caminhar.

Mas então, «aquilo que há-de vir» não seria de o aguardarmos passivamente?... Não. Nós desconhecemos o momento em que «o que há-de vir» virá. E viver é exprimir a vida. Aguardar *sine die* seria suspender. Não nos assiste esse direito. Por isso, para «aquilo que há-de vir» temos nós de ir. Nem viria tal como há-de vir se nós não fôssemos! É este o preço da posse, a condição do seu sabor quando, no termo da carreira, dermos de frente e atravessarmos a meta demandada.

«Aquilo que há-de vir», diz-se numa palavra só: *ventura*.

Ventura, no nosso quotidiano entendimento, significa felicidade. *Ventura* é o que está nas mãos de Deus reservado para o Homem e este traduz tão bem!, por felicidade. Maravilhosa coincidência entre os designios de Deus e os conceitos do Homem! Bendita homogeneidade entre o Eterno e o temporal!

Quem, sem negar a sua humanidade, seria, pois, tão paciente? Quem poderia refrear a sua ansia de felicidade a ponto de não correr para ela?! Onde as palavras que digam a bondade desse encontro quando «aquele que vai», abraçar «aquilo que há-de vir»?!

O uso — o mau uso! — corrompeu o significado e a nobreza da palavra aventura. Mas ninguém lhe tenha medo! Imorredeiros na memória do Homem, porque o são no Coração de Deus, os aventureiros, os que aceitaram o Seu desafio ao desenraizamento, à peregrinação em busca da Promessa!

É Abraão, cuja história temos relido nestes dias, quem me sugere estes pensamentos. Não escrevo de cor; não discorro no abstracto. É um homem que passou há milhares de anos quem me dita. Um homem pacífico, rico de bens, bem estabelecido na sua terra natal; um homem que não tem na sua frente os traços por que uma imaginação banal realiza a figura de um aventureiro — é esse homem o arquétipo do Aventureiro.

«Disse-lhe o Senhor: Deixa a tua terra, os teus parentes, a tua casa paterna e parte para o país que Eu te indicar. Farei de ti uma grande Nação. Hei-de abençoar-te e tu serás uma bênção. Por causa de ti se hão-

Retalhos de vida

«MADEIRAS»



O meu nome: Manuel Luís Madeira Quintá. O meu apelido: «Madeiras».

Tenho treze anos. Nasci no dia 20 de Março em Poaires (Freixo de Espada à Cinta).

A minha família é muito pobre. Somos muitos irmãos e a minha mãe não me podia criar. Por isso, vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, onde me sinto muito bem.

Eu quero ter, no futuro, quando for grande, uma vida feliz. Quero ser carpinteiro.

Agora, aproveito para mandar muitos cumprimentos a todos os leitores d'O GAIATO, especialmente para os de Trás-os-Montes. Eu sou transmontano!

Manuel Luís («Madeiras»)





PAI AMÉRICO

SÍNTESE BIOGRÁFICA

N. da R. — A figura multifacetada de Pai Américo interessa, cada vez mais, os nossos Amigos; tanto os jovens como, especialmente, um estrato de pessoas devotadas a actividades pedagógicas, de investigação, etc.

Por isso, face à ausência duma obra que reúna os elementos em nosso poder (são muitos!, não deveria tardar...) e depois servirá d'apoio à elaboração duma Biografia bem estruturada, aproveitamos o 16 de Julho para satisfazermos a curiosidade dos Leitores — expressa em correspondência, pelo telefone, pessoalmente — com uma síntese biográfica. Ei-la:

PAI AMÉRICO, cujo nome completo é **Américo Monteiro de Aguiar**, nasceu a 23 de Outubro de 1887 na freguesia de Galegos (Penafiel).

Após os estudos preliminares envereda pela carreira comercial, no Porto; e segue para Moçambique em 1906. Regressa a Portugal com 36 anos e ingressa no Convento Franciscano de Vilariño de Ramallosa, Espanha, onde toma o hábito a 14 de Agosto de 1924; e que viria a deixar pouco depois. Requer a sua admissão no Seminário da Diocese do Porto e, sendo indeferida, é entretanto recebido no Seminário de Coimbra em 3 de Outubro de 1925.

Ordenado presbítero a 28 de Julho de 1929, dedica-se ao apostolado da Caridade junto das famílias em dificuldades, nos seus tugúrios; visita hospitais e cadeias; e, em 1932, toma conta da Sopa dos Pobres,

-de considerar abençoadas todas as nações da Terra.

E Abraão partiu.»

As provas por que ele havia de passar! E quantos séculos decorreriam até que surgisse na sua descendência Aquê que havia de vir, Princípio d'«aquilo que há-de vir!» Abraão assumiu a aventura; viveu-a até ao limite da vida; e só pela Fé lhe viu o fim. Mas viu! Aos que aceitam os Seus desafios à aventura, dá-lhes Deus o poder de «verem a Obra feita antes de começada», como, no nosso tempo, testemunharia Pai Américo; como, em todos os tempos, experimentaram e deram testemunho os Aventureiros de Deus.

Sim; ninguém tenha medo à aventura; antes lhe reabilite a nobreza profanada.

Jesus Cristo só a não profereiu expressamente no Sermão da Montanha porque ela está lá em todas as Bem-Aventuranças.

Padre Carlos

na Rua da Matemática, Coimbra, fundada pelo seu Prelado, D. Manuel Luiz Coelho da Silva.

De 1935 a 1939 promove as Colónias de Campo do Garoto da Baixa (de Coimbra), em S. Pedro de Alva (Penacova), Vila Nova do Ceira e Miranda do Corvo — primeiras Colónias de montanha no nosso País. Depois converte estas acções — que considera imperfeitas por funcionarem só no Verão — numa Obra de assistência permanente, de orientação sistematizada: a primeira Casa do Gaiato, de Miranda do Corvo, fundada em 7 de Janeiro de 1940, para crianças abandonadas e sem família — o «Lixo das ruas». Hoje (1985) há cinco Casas do Gaiato: Miranda do Corvo, Paço de Sousa, Santo Antão do Tojal (Loures), Beire (Paredes) e Setúbal, com uma população de cerca de 600 rapazes.

No ano seguinte, 1941, funda o Lar do ex-Pupilo dos Refor-

matórios, em Coimbra, primeira instituição de apoio suplementivo aos jovens sem-eira-nem-beira que saíam dos estabelecimentos dos Serviços Jurisdicionais de Menores — a cuja entidade entregou o Lar em 1950.

Em 1945 abre o primeiro Lar do Gaiato, no Porto, para os rapazes que, tendo já dado provas na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, estudam e trabalham na cidade. Presentemente há quatro Lares: no Porto, Coimbra, Lisboa e Setúbal.

Em 1951 funda o Património dos Pobres sob o lema «Cada freguesia cuide dos seus Pobres», «Obra urgente e inédita» que aloja os sem-abrigo — e sacode o País da inércia quanto ao problema habitacional dos Indigentes... Foram construídas mais de 3.500 moradias em Portugal, Madeira, Açores, Angola e Moçambique, propriedade das Comissões Fabriqueiras, visto que o Património dos

Pobres é uma Obra essencialmente paroquial e, actualmente, envereda pelos chamados «pequenos auxílios» a famílias de trabalhadores que se dispõem, heróicamente, a erguer suas próprias moradias em regime de Autoconstrução.

A última inspiração foi o Calvário — para Doentes pobres incuráveis e abandonados — que funciona na quinta da Casa do Gaiato de Beire (Paredes), desde 16 de Julho de 1957.

Na comunicação escrita, Pai Américo colaborou, enquanto seminarista, em **Lume Novo**, boletim do Seminário de Coimbra. Já como Padre da Rua publica notas semanais n'«**Correio de Coimbra**», desde o ano de 1932, primeiro sob o título «Sopa dos Pobres», depois «Obra da Rua». Na década de 40 escreve no semanário **A Ordem**; e a 5 de Março de 1944 funda o jornal **O GAIATO** que «passou a ser a porta aberta pela

qual os de longe foram entrando e vendo e conhecendo e amando» a Obra da Rua.

A colecção de livros de Pai Américo — alguns em 4.ª e 5.ª edições — reúne já muitos dos seus escritos, em sete títulos: **Pão dos Pobres** (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª volumes), crónicas publicadas n'«**Correio de Coimbra**, **A Ordem e O Gaiato**; **Obra da Rua**, relatório da sua acção de 1932 a 1945; **Isto é a Casa do Gaiato** (1.ª e 2.ª volumes), artigos saídos n'«**O Galato**», sob o mesmo título, com «factos, figuras, acontecimentos, descrições cuja beleza define o estilo pessoalíssimo do Autor»; **O Barredo**, crónicas publicadas n'«**O Galato**», que «são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos assuntos referidos no **Pão dos Pobres**»; **Ovo de Colombo** historia como e porquê desabrochou o Património dos Pobres; **Viagens**, notas de reportagem do Brasil, Açores, África e Madeira; **Doutrina** (1.ª, 2.ª e 3.ª volumes), colectânea de artigos inseridos n'«**O Gaiato**» sob a mesma epígrafe, ou de conteúdo doutrinal.

Pai Américo faleceu no Hospital Geral de Santo António, Porto, a 16 de Julho de 1956 e jaz em campa rasa na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

O livro «A PORTA ABERTA» e os Leitores

Quem nos dera poder citar todas as ressonâncias do livro A PORTA ABERTA que nos chegam, de norte a sul do País, das comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo!

Al vão pequenos retalhos só do correio d'hoje.

Póvoa de Rio de Moinhos:

«Sou uma velha de 80 anos que recebe O GAIATO com amor, que o lê de fio a pavio; e, de seguida, procura seja lido por vários a quem desejo vá continuando o bem que me faz, há muito.

Agora, posso mandar uma migalhita... Dêem-lhe o destino que entenderem, tanto mais que recebi A PORTA ABERTA que, de certeza, não agradeci. Veio, porém, numa boa altura: serviu para presentear, no dia de anos, um professor da Faculdade de Filosofia — com a grande recomendação que aprendesse naquele grande compêndio. Deus lhe ponha a virtude!»

Monção:

«Junto um cheque de mil escudos, minha contribuição para os livros. Enviem-me outro exemplar d'A PORTA ABERTA que teria gosto de oferecer...

Todos os pais e educadores deveriam ler esta obra extraordinária sobre Educação! Não só esse como todos os livros de Pai Américo. Não há dúvida, ele foi um Homem iluminado por Deus. Tanta Luz emana dos seus escritos!

Ao ler O GAIATO verifico, com agrado, que é a mesma linha dos seus escritos. Pois que a Obra da Rua continui

sempre enquanto for necessária (e por desgraça será sempre!), com a pureza e a originalidade que Pai Américo lhe soube dar.»

Castelo Branco:

«Nas páginas d'A PORTA ABERTA está bem presente o coração de Pai Américo — que tive a graça de conhecer pessoalmente. Já o li com entusiasmo — como faço com O GAIATO — mas o seu conteúdo sugere-nos grande meditação, o que vou fazendo com a minha mulher. Que nós consigamos passar a sua Mensagem evangélica à vida de cada dia...»

Matosinhos:

«A PORTA ABERTA permite-nos entrar no mundo de Pai Américo — que deveria ser o nosso... Recomendai essa obra numa reunião de pais. Bem haja a Dr.ª Maria Palmira Duarte por tão oportuno e excelente contributo!

Têm-me interessado as notas de Padre Carlos — «Educação e problemas sociais». Vou comprar o livro **Educação cívica** e recomendá-lo também aos pais. Educar é difícil... Sobretudo se não se sabe amar bem.»

Aveiro:

«Somos um grupo de alunos da Universidade..., encarregados de elaborar um trabalho sobre o Padre Américo. Disparamos de reduzida bibliografia para o efeito; e, por isso, solicitamos dados que nos permitam valorizar e completar o referido trabalho.

Inserido na doutrina humanista-cristã, o Padre Américo

salientou-se pela sua acção, nomeadamente no campo educacional, que nos interessa particularmente, uma vez que o nosso trabalho se situa no âmbito da Filosofia da Educação.»

Eis uma carta com interesse especial: As fontes do saber — Escolas, Universidades... — preparam as novas gerações, os Homens d'amanhã!

Fornecemos os elementos necessários, estimulámos os moços, e sublinhámos a riqueza d'A PORTA ABERTA para o trabalho dos 7 universitários.

Mais alguns parágrafos, o resto da magnífica Introdução escrita pela Dr.ª Maria Palmira Duarte n'A PORTA ABERTA:

«... Na Obra da Rua existem os métodos e a vida. Foi precisamente essa simultaneidade de exigência que tornou extremamente difícil a escolha, entre os milhares de páginas escritas pelo Padre Américo, daqueles textos que, devidamente ordenados, nos dessem a imagem da sua pedagogia.

Como compilar métodos educativos cuja emoção não está em esquemas, em normas, em processos, mas se situa precisamente ao nível da relação vivida com a criança? Como compilar, sistematizar, ordenar métodos educativos que se baseiam num enorme amor da criança da rua? Como?, se o amor não cabe em qualquer esquema por melhor elaborado que seja. Extravasa, faz estabelecer todos os esquemas, sobre-se a todos os critérios.

Precisamente porque a emoção do Padre Américo está na relação vivida com cada rapaz, ele não tem um esquema educativo, nem normas rígidas de actuação, mas sim um quadro de referência inspirado na vida e no Evangelho.

É esse quadro de referência que constitui o seu método. É esse quadro preenchido pela vida que viveu com os rapazes que constitui a sua pedagogia.

Foi o quadro de referência que procurei construir, animando-o com os episódios da vida das Casas do Gaiato na esperança de que, para lá do seu método educativo, se pudesse também participar da sua pedagogia.»

«O LODO E AS ESTRELAS»

Uma lembrança oportuna: Continuamos a reeditar alguns títulos, esgotados, da nossa colecção. Para já, temos em acabamento, na encadernação, **O LODO E AS ESTRELAS de Padre Telmo. Podem requisitar a 3.ª edição!**

Depois, sairá a 3.ª edição do 1.º volume **ISTO É A CASA DO GAIATO**, mai-la 5.ª do 1.º volume **PAO DOS POBRES** — de Pai Américo.

São reedições necessárias — pois cresce o número de Amigos que desejam todas as obras da colecção da nossa Editorial.

Júlio Mendes

Coluna da Saudade

Assistência. Que escreverá ela neste capítulo?

D. Américo!

Assinalando o 16 de Julho, não deixa de ser oportuno transcrever a última nota escrita por Pai Américo no «Isto é a Casa do Gaiato» — inserida n.º O GAIATO n.º 324, de 28/7/56, logo após a sua Viagem prò Céu.

Para nós outros, para muitos Leitores, o «Isto é a Casa do Gaiato» é a Coluna da Saudade. Até porque, segundo o Prof. Dr. Alberto Carlos Correia da Silva — que Deus haja — todos os «instantâneos (dessa coluna) traduzem com fidelidade os aspectos mais variados» da Obra da Rua, das Casas do Gaiato. E continua: «São factos, figuras, acontecimentos, descrições que, pela sua beleza, pelo poder dum estilo pessoalíssimo, pelo desassombro que traduzem, pela pureza da doutrina que dum ou doutro comentário irradia, apetece recordar de quando em quando». Por isso, em boa hora ele motivou Pai Américo e coligiu boa parte do valiosíssimo material que publicámos sob a mesma epígrafe — «Isto é a Casa do Gaiato» — em dois volumes, já em 2.ª edição de 10.000 exemplares cada. A procura desta obra é de tal ordem que o 1.º volume esgotou; e, entretanto, preparamos a 3.ª edição. Mas temos o 2.º volume à disposição dos Leitores.

No prólogo à nota que aí vai, sublinhámos, em 28/7/56, que «uma lembrança também se perpetua por um elemento de extinção». Dito ontem, repetimos hoje: Para nós — para tantos — «esta é a Coluna da Saudade»!

Ouçamos:

Aqui, Lisboa!

«O Diário de Notícias diz que eu sou um benemérito: o benemérito padre fulano. Mas não é verdade. É maneira de dizer. É uma palavra de jornal. Benemérito diz-se de um indivíduo rico, que das sobras dá para uma escola ou para uma igreja ou para um hospital; e ao depois vai receber a comenda, como é uso dos mortais. Nunca se viu benemérito que não seja comendador. Ora eu estou de fora.» (Pai Américo)

Achamos que a maior recompensa que um homem pode ter na sua vida reside essencialmente no íntimo da sua consciência. Cumprir com o dever ou fazer algo de útil dá paz, para lá dos espinhos, e estimula. Procurar no exterior prémios ou recompensas, ao sabor de vaidadezinhas ou de obscuras intenções, tira aos actos praticados a bondade de que se possam revestir. No fundo estão em causa a virtude da humildade e as posições

«Tivemos aqui há tempos a visita dum estrangeiro que ficou oito dias para melhor ver e sentir e dizer; e assim fez. Publicou em vários jornais e revistas tendo-nos chegado às mãos uma, da qual Daniel Rops é editor — Ecclesia.

Neste momento, encontra-se também e por igual espaço de tempo uma senhora estrangeira com o mesmo fim: ver e contar. Ora acontece que a senhora não sabe meia de português e isto é que lhe vai dar o melhor assunto da Casa. A mímica. A mímica que se tem manifestado e desenvolvido. Estivesse ela mais tempo, que pela prática e uso que os rapazes vão tendo bem poderiam vir a dispensar a linguagem.

O mais vivo de todos é o «Banana». Tanto que deixou os teares e veio para a cozinha durante a estada da escritora. Houve logo um grande sarilho, já se vê, porquanto o «Melo» tinha sido até ali o criado de mesa e de quarto e não estava nada resolvido a largar, mas a verdade é que o rapaz é muito mais fraco em acenos e quem sofria com isso era justamente aquela a quem tudo desejávamos dar.

Ela foi-nos apresentada superiormente.

Nós não chamamos nem reprimos esta sorte de visitantes. Cuidando eles que vêm em nosso serviço, a verdade é que trabalham para bem do mundo.

Eu li o extenso artigo da Ecclesia. Outras nações, outras línguas, outros povos hão-de ter idênticos conhecimentos e sentir as mesmas comoções. São forças necessárias. É apologé-

tica. O mundo precisa de algo a que se possa ater. Obras desta natureza dão o sentido do Eterno.

«Escritora e jornalista de reais méritos», como reza a carta de apresentação da nossa visitante Estrid Ott de seu nome, começou a ficar um nadinha moída no quarto dia da estada aqui. São os rapazes. Como apenas nos encontramos duas vezes ao dia, à mesa do meu pequenino refeitório, é ali que ela desabafa. Todos pretendem levá-la a observar suas obrigações. Capoeiras. Coelhoos. Pombas. Vacas. Com sua licença, porcos. Os teares. A tipografia. Os carpinteiros. Os camponeses. O «Sediolos» foi mais longe: toma a senhora por um braço, enfia-a na casa do forno e não a deixou sair de lá enquanto não meteu a fornada! E não contente, sempre que a encontra nas avenidas ou quê, vai-lhe buscar uma côdea. Mas há melhor; muito melhor. Foi o «Macaco». Este é das vacas e quando chegou a hora de tirar o leite, tendo ele dado fé que a escritora percorre todas as obrigações, foi convidá-la para o seguir aos estábulos e ver como ele faz; e a pobre da senhora foi. Ora tudo isto, que conversado nada custaria, tem sido tudo por mímica — e cansa.

Mas o pior foi o «Caracas» que acaba de lhe produzir uma forte comoção. Sangue! «Caracas» entra pela cozinha dentro a esguichar sangue pelo nariz. Tinha sido uma grande bulha entre «Pombinha» e «Girafa». Ela chama e grita e perturba-se: «Quem acode?!» Vem ela a Portugal e encontra-se entre

para se tornar como coisa corriqueira ou vulgar, desprestigiante e desprestigiadora.

É por respeito pelos autênticos Valores que escrevemos estas linhas. Sim, porque, como dissemos há anos nestas colunas, bem conhecemos a avidez de alguns por uma comendazinha. E a vaidade humana continua sôfrega por se afirmar, em bicos de pés e com os dedos estendidos: venha uma para mim que também sou gente!

● Continuamos com a campanha de assinaturas. Os nossos Amigos da zona de Loures têm correspondido de maneira excelente ao nosso apelo. Todos têm compreendido as nossas intenções. Na Ourivesaria Pimenta podem ser entregues as inscrições ou, então, aqui no Tojal, por escrito ou pelo telefone 9849019. Bem hajam.

● Insistimos. A Obra do Padre Américo não faz qualquer tipo de peditórios, na rua ou de porta a porta, com fitinhas, autocolantes, etc. Nas artérias de Lisboa, e não só, continuam as artimanhas. Têm de ser os nossos Amigos a passar a palavra, já que outros meios não surtem.

Padre Luiz

nós no intuito de escrever um livro; como aparecerão lá estas coisas?!

Também pretendeu saber, para complemento de seus estudos, se nós temos e usamos balança e outros instrumentos de medir facultades do rapaz que chega; se temos a ficha social; se assistência médica com regularidade; se tudo — e nós dissemos que nada. Para exemplificar, passava na maré um dos mais pequeninos há dias saído do hospital de Penafiel, onde dera entrada para um caso urgente. Quando tentaram a ficha, ele responde:

— Eu sou o «Gordo»!

— Sim — vai o médico — vejo que és gordo, mas não é isso. Quero saber o teu nome.

— Eu sou o «Gordo»!, torna.

Ora é justamente por esse nome que cá o temos, até que seja possível indagar.

A escritora ficou admirada que isto seja possível entre nós. Ela é da Dinamarca onde foi dita a última palavra sobre

A referida miss Estrid Ott do reino da Dinamarca — alta, loura, comunicativa, delicadíssima, nessa altura já com um pé na terceira idade — publicou, depois, um livro de 162 páginas, cartonado, sobre a sua estadia entre nós. Deu-lhe o título «Chicos lang vanding», impresso na Grafisk Forlag, de Copenhague, em 1957. E ofereceu-nos uma primícia da obra com uma dedicatória na língua de Shakespeare:

«Caro Júlio! Eu esperava ter-lhe trazido pessoalmente o livro sobre o Chico, o rapaz de Lisboa sem lar que caminha por Portugal inteiro à procura do Padre (Américo) e que encontra traços do seu trabalho por todo o lado. Mas infelizmente fui obrigada a deixar o meu carro em Espanha...»

Foi pena! E pena temos, ainda, de não possuímos todas as citações relativas a Pai Américo, à Obra da Rua, em obras editadas pelo Mundo fora!

Júlio Mendes

Novos Assinantes de O GAIATO

Para além das peregrinações de Padre Carlos e Padre Telmo — por várias paróquias do Sul e Norte do País — mai-las respostas aos SOS do Padre Luiz, todos os dias chegam muitos assinantes novos às Casas do Gaiato!

Por mor do espaço, não é possível enumerar tudo e todos — que a procissão não pára e cresce ao longo da caminhada! Assim, vamos apenas citar o testemunho de duas Avós — enamoradas d'O GAIATO — cuja devoção pela Obra da Rua querem prolongar em seus netos. O grão de mostarda...!

Porto:

«Venho pedir que inscrevam n' O GAIATO um neto de dois anos. Assim, farei com que entre naquela casa um raio de Luz a quantos tiverem a felicidade de lerem o vosso jornal.»

Castelo Branco:

«Várias vezes compro O GAIATO. Mas nem sempre o encontro... e gostávamos de tê-lo sempre. Venho pedir para o mandarem. Queremos ser assinantes...»

Sou já bisavó. Gosto muito de crianças. Tenho cinco netos e dois bisnetos. Sou reformada da CP. Fui guarda de passagem de nível. Meu marido também é reformado...»

Eis as terras que enfileiram

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel